



Dia Nacional do Escritor

Alexandre Santos

Pronunciamento por ocasião das comemorações da edição 2009 do Dia Nacional do Escritor.

Em função de um decreto do presidente Juscelino Kubitschek assinado em 1960, pouco depois da criação das primeiras sessões da União Brasileira de Escritores (UBE), incluindo a de Pernambuco, o dia 25 de julho é oficialmente consagrado aos artistas e cientistas da palavra, construtores e escultores dos textos que registram os sonhos dos homens e a história da humanidade. Hoje, passados 50 anos, a despeito dos inegáveis avanços na condição geral do País e da existência de bolsões e articulações sinceramente preocupadas com o avanço cultural da sociedade, os desafios que se interpõem àqueles que escrevem são muitos e mais há o quê fazer e pelear do que festejar.

O escritor não é apenas um artista ou um sonhador, como muitos pensam. Não é uma entidade cínica que se basta a si mesma e, para se fazer completa, precisa ser correspondido por um leitor. Assim, antes de tudo, o escritor é um guerreiro, que tem na produção literária apenas a primeira batalha. Ele sabe que um livro não lido é uma obra inacabada e vê com tormento os obstáculos que tem pela frente até realizar o diálogo que o faz completo (a comunhão com o leitor).

Ao concluir o texto, o escritor se vê diante de uma maratona de resultado incerto, pois, sequer, sabe se conseguirá publicá-lo. Quantos textos inéditos jazem nos fundos de gavetas abarrotadas e nas memórias de computadores letrados? Poucos conseguem publicar e, destes, nem todos conseguem ultrapassar as barreiras que separam o escritor do leitor. Muitos se vêem impotentes diante das misteriosas e dispendiosas trilhas da distribuição, da divulgação e da comercialização. Muitas vezes, mesmo dono da arte que o faz escritor, o artista da palavra não consegue compartilhar seu talento com o leitor e padece as angústias do ser incompleto.

Visto por outro prisma, os problemas que acometem os escritores ganham nova e assustadora envergadura, pois desnuda um processo que compromete a realização do bem estar social. Além de ser um país onde se publica pouco – o que indica repressão da oferta de arte literária e, conseqüentemente, a frustração de muitos sonhos e a negação de muitas oportunidades –, o Brasil é um país que lê muito pouco. Os números são chocantes. De acordo com o Mapa do Analfabetismo, no Brasil há 16 milhões de analfabetos absolutos e 30 milhões de analfabetos funcionais. A pesquisa 'Retratos da Leitura no Brasil' realizada pela Câmara Brasileira do Livro aponta que dos adultos alfabetizados 61% não têm nenhum contato com livros; apenas 35% dos alfabetizados lêem alguma coisa e só 5% lêem livros – destes, a maioria é integrada por adolescentes incluídos em programas governamentais que

fazem da leitura de livros didáticos distribuídos gratuitamente uma tarefa compulsória. Para 6,5 milhões de pessoas, o livro é um artigo de luxo, fora de sua capacidade aquisitiva.

A combinação de preços e outros fatores faz com que a classe A (que, juntamente, com a classe 'B', apresenta a maior concentração de leitores) seja responsável pela aquisição de 73% dos livros vendidos no País; as vendas se concentrem nas regiões Sul e Sudeste; e a venda de 73% dos livros seja feita a apenas 16% da população nacional.

Por tudo isto, os escritores comemoram o seu DIA almejando não apenas condições que possibilitem-nos publicar os textos produzidos, mas, também, que os brasileiros sejam estimulados ao hábito da leitura e alcancem condições que lhes permitam consumir os bens culturais que desejam.

Viva o DIA NACIONAL DO ESCRITOR.

Viva o ESCRITOR BRASILEIRO.

Que o pássaro da literatura alce vôo e espalhe o germe da liberdade permitida pela leitura e pelo conhecimento, fazendo de cada brasileiro um protagonista da história que o mundo escreve.

(*) Alexandre Santos é presidente da UBE e da Academia de Letras e Artes do Nordeste.

e-mail: alexandresantos@br.inter.net